

## Allan Kardec diante da manifestação do espírito dos animais

“O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências.” (ALLAN KARDEC)

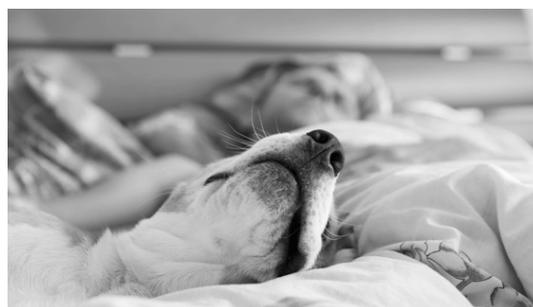
Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, Allan Kardec (1804-1869) publicou o artigo “Manifestação do espírito dos animais”, que transcrevemos com alguns “cortes” para o tornar mais objetivo em relação ao tema proposto:

Escrevem-nos de Dieppe:

“... Parece-me, caro senhor, que tocamos numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. **Não sei que pensar de um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa.** Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.

“Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos **uma encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.

“Depois do decesso de seu jovem dono **a pequena Mika (era seu nome)** me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentemente coberta aos meus pés, sobre minha cama. No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, **fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido**, e compreendendo o que ela desejava,



permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena

passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara.** Falamos frequentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa afeição.

**“Ultimamente, pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa.** Fui de tal modo tocado com isso, que **estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim,** e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã, **contei o fato à minha mulher que me disse: ‘Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas.** Ela parecia partir da porta de meu quarto. **Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta,** e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa.’

**“Minha pobre filha doente,** que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, **afirma tê-la ouvido igualmente.** Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

“É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez, que, mesmo no silêncio da noite, não posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

“Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disso? Não ousou nada decidir e não tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas **me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana. Quem sabe? conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não.** Quem explicará as leis das afinidades? quem explicará as leis repulsivas? ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, **como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?** Mas o som de voz, dir-se-á, como admiti-lo, se se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias? Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em química certos efervescentes, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, **direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante,** acrescentarei

que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que **se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir**. Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza.”

Nosso honrado correspondente age sabiamente ao não decidir a questão; de um **único fato** que não é ainda senão uma probabilidade, não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. **Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.** [...].

Até o presente, a ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; [...] se existem pontos de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário.**

Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. Tendo sido lida a carta acima à Sociedade de Paris, a comunicação seguinte foi dada a este respeito.

(Paris, 21 de abril de 1865. - Médiun, Sr. E. Vézy.)

Vou tocar uma grave questão esta noite, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. [...].

[...].

**Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles;** é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e **é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler**. Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. **A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida**. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. **Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.**

Já sabeis que nada morre da matéria que se abate; quando um corpo se dissolve, os elementos dos quais ele se compõe lhe reclamam a parte que lhe deram: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono retornam à sua fonte primitiva para

alimentar outros corpos; os fluidos organizados espirituais tomam na passagem cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis-me bem? Sem dúvida, eu teria necessidade de explicar-me melhor, mas para terminar esta noite, e não vos fazer supor o impossível, vos asseguro que o que é do domínio da inteligência animal não pode se reproduzir pela inteligência humana, quer dizer que o animal, qualquer que seja, não pode dar seu pensamento pela linguagem humana; suas ideias não são senão rudimentares; para ter a possibilidade de se exprimir como o faria o Espírito de um homem, lhe seriam necessárias ideias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, que não pode ter. **Tende, pois, por certo que nem cão, gato, asno, cavalo ou elefante não podem se manifestar por via medianímica.** Só os Espíritos chegados ao grau de humanidade podem fazê-lo, e ainda em razão de seu adiantamento, porque o Espíritos de um selvagem não poderá vos falar como o de um homem civilizado.

*Nota.* **Estas últimas reflexões do Espírito** foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. **Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo.** (KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 129-134)

O Codificador diante do relato e mesmo lhe tendo sido revelado que não há espíritos de animais no espaço, o que faz? Nega-o, usando exatamente dessa informação? Não, diz que “Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.” e que, apesar de informação contrária, a manifestação da cadelinha provaria que os animais conservam a sua individualidade depois da morte.

O Espírito que se comunicou disse que “a manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira” e que seria “difícil vos falar dos Espíritos dos animais do espaço”.

E, como era de se esperar, Allan Kardec finaliza sua nota dizendo: “Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo.” Portanto, não “fincou o pé” dizendo que não poderia ocorrer, mas, ao contrário, deixou a questão aberta para que fosse resolvida no futuro

quando surgissem novos relatos. Mas foi exatamente isso que aconteceu, e confrades espíritas fecharam os olhos para eles, mantendo-se firmes na informação inicial.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Jun/2023.

Revisão: Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Referências bibliográfica:

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.

Imagem: *Cachorro dormindo com o dono*, disponível em:

<https://www.jornaldafranca.com.br/wp-content/uploads/2021/03/cachorro-dormindo-com-o-dono.jpg>